

PARECER A

Behemoth no reverso: autocracia e Estado em Florestan

Fernandes¹

*Ricardo Braga Brito*²

Completo em: 2021-11-18 06:15

Recomendação: Correções obrigatórias

1. O título é compreensível e conciso e reflete o conteúdo do artigo:

2. O resumo é bem escrito, apresentando introdução, objetivos e conclusões, refletindo o todo do artigo.

3. As palavras-chaves estão adequadas ao artigo.

4. O artigo é escrito com linguagem e gramática adequada.

5. O artigo é bem estruturado e com argumentação coerente, com introdução, desenvolvimento, conclusão.

6. O artigo utiliza formato e bibliografia adequados, com citações e notas concisas e

¹ <https://doi.org/10.21669/tomo.vi41.16565>

² Doutor pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). E-mail: ricardobraga.brito@gmail.com

coerentes.

Parcialmente ▼

7. O argumento é original e inovador para as Ciências Sociais e representa contribuição significativa para área:

Parcialmente ▼

8. Escreva seu parecer avaliativo conciso sobre o artigo argumentando sobre os pontos negativos e positivos.

De um ponto de vista formal, saliento a fluidez e correção ortográfica do texto, sendo capaz de reformular passagens intrincadas e opacas dos textos de Florestan de forma particularmente clara.

De um ponto de vista de conteúdo, o texto busca refinar e dar maior precisão ao conceito de 'Estado' (indissociável do conceito de autocracia burguesa) em Florestan a partir da metáfora do Behemoth, sugerida pelo próprio Florestan e inspirada em Franz Neumann. Para fazer isto e para sugerir a originalidade do artigo, o/a autor/a indica, logo no início do texto, uma lacuna sobre o tema do Estado na fortuna crítica em torno da obra de Florestan. A meu ver, este é o principal problema do texto: embora realize uma exposição rica dos conceitos de autocracia e Estado na própria obra de Florestan (e as afinidades com o Behemoth de Neumann é um excelente aspecto do texto), abdica muito prematuramente de uma mais ampla pesquisa bibliográfica e diálogo com os/as comentadores/as daqueles conceitos.

O/a autor/a faz uma interessante digressão metodológica inicial, apontando criativas afinidades entre Fernandes e a teoria crítica de matriz frankfurtiana na seção 2 do trabalho. Embora pertinente, a seção não me parece inteiramente justificada. A meu ver, seria mais útil um apanhado inicial da fortuna crítica sobre os conceitos de “autocracia burguesa”, “dominação autocrática”, “modelo autocrático” e “Estado autocrático” em Florestan. Delimitando a partir disto, e de forma mais precisa, a singularidade do problema e a originalidade do texto. Acredito que a revisão do texto a partir dessa diretriz o tornaria uma contribuição de particular relevância em torno da obra de Florestan Fernandes.

Feitas tais considerações de caráter mais geral, faço sugestões bibliográficas e apontamentos sobre aspectos particulares do texto ao longo dos comentários a seguir:

Uma ausência flagrante é o texto de Antonio Carlos Mazzeo – “Estado e Burguesia no Brasil: origens da autocracia burguesa”. O comentário de Gabriel Cohn, em “Um Banquete no Trópico (vol. 1)”, sobre A Revolução Burguesa no Brasil, embora curto, é precioso para pensar o conceito de autocracia em Florestan.

Para uma reflexão mais detida, cuidadosa, sem amalgamar os conceitos, sobre a (ir)racionalidade da burguesia dependente, do conceito de resistência sociopática ao de dominação autocrática, sugiro o artigo de Silva (2020), “Governamentalidade autocrática: repensando as racionalidades de governo em diálogo com Florestan Fernandes”. Do mesmo autor, sugiro também o artigo “Modelo autocrático-

burguês: uma sociologia do desenvolvimento desigual e combinado” (2020) que, inclusive, incorpora o “congelamento da descolonização” na formulação do modelo autocrático em Florestan. Textos bastante recentes que dialogam em vários aspectos com as proposições do/a autor/a.

Ausenta-se também uma mínima problematização da ‘tese da singularidade brasileira’, chave de leitura fundamental dos dilemas e potencialidades do pensamento social brasileiro, frequentemente utilizada pelo/a autor/a para remeter ao trabalho de Florestan. Ver os trabalhos de Sergio Tavolaro: “Existe uma modernidade brasileira?” (2005) e “A tese da singularidade brasileira revisitada” (2014).

A afirmação, que pretende se sustentar em Florestan, sobre “uma sociedade quase sem classes na periferia do capitalismo” (p. 15) merece maior reflexão e cuidado. Dado que não é o objeto do artigo e pela falta de rigor da passagem, sugiro a sua supressão, mantendo-se nos termos da nota 4 da p. 15 e da citação imediatamente posterior. A mesma proposição superficial se apresenta na p. 19 – “É como se na periferia, as lutas de classe se desenvolvessem quase sem classe”, assim como em infeliz formulação da p. 20 – “uma sociedade de classes como sem classes”. O que colide com aspectos da obra de Florestan trazidos pelo próprio texto, conforme assinalei, mas também é um contrassenso em relação à noção de “dominação autocrática” como uma forma de dominação de classe ou, como Florestan dirá em outro texto, “totalitarismo de classe” (Nota sobre o fascismo na América Latina). Não se trata de uma “quase” ausência de classe ou luta de classes, mas, rigorosamente, de um arranjo de dominação de classe articulado para a permanente usurpação das condições de organização e incorporação das pressões advindas das classes subalternas.

“a associação íntima com o capitalismo financeiro internacional” (16) é uma formulação particularmente deslocada em relação aos textos do próprio Florestan para pensar o Golpe de 1964, ainda no léxico tradicional da transição para o capitalismo monopolista a nível global. Rever a passagem, soa mais a Chesnais do que a Florestan.

O/a autor/a frequentemente remete ao conceito de “acumulação originária” para pensar o modelo autocrático de revolução burguesa no Brasil. Lembro que Chico de Oliveira, na Crítica à razão dualista (1972), remetia ao mesmo conceito de forma até mais explícita do que Florestan, que escreveu os últimos capítulos de A Revolução Burguesa no Brasil em 1973.

Entre as páginas 19-20, o/a autor/a faz uma pouco refletida projeção do conceito de autocracia no argumento d'A Integração do Negro na Sociedade de Classes. Não desqualifico a sugestão, mas ela precisaria de maior espaço para ser devidamente elaborada, a saber, pensar rigorosamente as relações entre o “modelo autocrático” e a as distorções da "ordem social competitiva" no Brasil.

É só, de fato, na p. 21 do texto que o/a autor/a começa a elaborar efetivamente o seu problema: a apreensão do conceito de Estado autocrático em Florestan a partir da metáfora do Behemoth (baseado em Neumann), reverso do Leviatã. A recuperação das afinidades entre Neumann e Florestan é um ponto forte. A partir deste momento do texto, penso que o/a autor/a ganharia muito incorporando à discussão o texto de Florestan “Notas sobre o fascismo na América Latina”. O livro

em que este ensaio se encontra (Poder e Contrapoder na América Latina) está nas referências, mas a partir de outro ensaio.

Rever a seguinte passagem da p. 23: “Como no Behemoth nazista, também no Estado autocrático-burguês o cimento que liga as classes dominantes no modelo de estrutura social nazista...”..

Seu parecer é:

Pela publicação com ressalvas (atendendo as observações de sua avaliação descritiva)

Recomendação

Correções obrigatórias